

Uma nova doença, com sintomas parecidos com os da leishmaniose visceral acaba de ser descoberta por pesquisadores brasileiros. Mais grave e resistente a tratamentos, ela é provocada por um parasita desconhecido, já infectou ao menos 150 pessoas e matou duas delas.

O primeiro caso identificado é de outubro 2010, quando um homem de 64 anos, com suspeita de leishmaniose visceral, deu entrada no hospital universitário da UFS (Universidade Federal de Sergipe) em estado grave, o que é incomum, já que a doença evolui lentamente. Os sintomas eram os mesmo da leishmaniose: perda de peso, febre, anemia e aumento do fígado e do baço. No entanto, ele não respondeu aos tratamentos convencionais e morreu em 2011, em decorrência da doença e de complicações de uma cirurgia para a retirada do baço.

“Em mais de 30 anos trabalhando com leishmaniose, eu nunca havia visto um caso parecido”, contou o professor e médico Roque Pacheco de Almeida.

O dramático caso motivou uma investigação feita por pesquisadores não só da UFS, mas da Ufscar (Universidade Federal de São Carlos) e da USP (Universidade de São Paulo). Amostras de pacientes com leishmaniose enviadas a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP) não puderam ser analisadas com as ferramentas disponíveis para leishmânia, desafiando os pesquisadores a aprofundarem as investigações.

“Cheguei a pensar que pudesse ter sido cometido algum erro no laboratório, alguma mistura, ou que estivéssemos trabalhando com primers (equipamentos usados para ampliar a imagem) de má qualidade. Então mandamos para outro laboratório especializado, no Rio de Janeiro, que também não conseguiu fechar o diagnóstico”, contou o professor João Santana, de coordenador do Laboratório de Imuno-

parasitologia da FMRP.

NOVO INIMIGO.

As primeiras análises acabam de ser relatadas em artigo na revista científica “Emerging Infectious Diseases”.

Sabe-se até o momento que o responsável pela doença é um parasita de uma nova espécie, ainda sem nome, não pertencente ao gênero *Leishmania*, protozoário causador da leishmaniose e transmitido pelo mosquito-palha. Mas pesquisadores não sabem o ciclo de vida nem o vetor do novo parasita.

A situação, para Roque Almeida é

FRASE

‘A princípio detectamos o parasita nestas amostras de Sergipe, mas não sabemos o quanto isso está distribuído’

Sandra Maruyama
Pesquisadora da Universidade
Federal de São Carlos

preocupante porque pode significar que estão sendo diagnosticados casos de leishmaniose visceral, quando, na verdade, “se trata de uma nova doença, mais grave, e para a qual ainda não existe tratamento específico”.

“A princípio detectamos o parasita nestas amostras de Sergipe, mas não sabemos o quanto isso está distribuído”, alertou Sandra Maruyama, pesquisadora da Ufscar.

PRÓXIMOS PASSOS.

Os cientistas esperam descrever a nova espécie e nomear a doença nos próximos meses. Mais estudos precisam ser feitos para determinar o ciclo de vida do parasita, seus hospedeiros e formas de transmissão. Essas são ações necessárias para investir tanto no controle da infecção quanto em tratamentos efetivos para ela.

Um dos planos do seu grupo para o próximo ano é testar se os insetos de laboratório podem ser infectados por este parasita e têm a capacidade transmiti-lo, ao se alimentar de seu sangue, para um hospedeiro vertebrado, e este mamífero desenvolver a doença. ■

